



Notas sobre produtos jornalísticos no norte do Rio Grande do Sul

Notes on journalistic products in Northern Rio Grande do Sul

Cláudia Herte de Moraes

Jornalista, Mestre em Ciências da Comunicação, professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), coordenadora do curso de Comunicação Social, Jornalismo do Centro de Educação Superior Norte-RS (Cesnors), integrante do Grupo de Pesquisa CNPq – NAVE, Frederico Westphalen, RS - Brasil, e-mail: chmoraes@hotmail.com

Resumo

Este artigo baseia-se na pesquisa *Comunicação e jornalismo no Médio Alto Uruguai: levantamento histórico e perspectivas*, que estudou cinco jornais e 13 rádios, em dois períodos (janeiro de 2007 e julho de 2007) e registrou as facetas do jornalismo interiorano: a falta de profissionalização nas empresas, ao lado de uma informatização total do processo de captação de informações. Como jornalismo interiorano entende-se publicações ou programas produzidos fora das capitais e, principalmente, sem ligação com os conglomerados de comunicação. Outro eixo está na importância da formação universitária, visando à qualidade da informação de cunho comunitário, já que se observa a vinculação política aos governos locais, com pouco espaço ao debate cidadão.

Palavras-chave: Jornalismo interiorano. História do Jornalismo. Jornalismo e tecnologia.

Abstract

This article is based on research of five newspapers and 13 radio stations in two periods (January 2007 and July 2007) and registers some sides of the provincial journalism, in special the lack of professionalization in the companies and the total computerization of the process of captation of information. The journalism context is of the newspapers and programs of radio without connection with the conglomerates of communication in the country. Other important aspect is the responsibility of the university in the professional formation for the quality information to public opinion of the citizenship, because we observe the policy connection with local governments.

Keywords: Provincial journalism. History of Journalism. Journalism and technology.

Introdução

A pesquisa *Comunicação e jornalismo no Médio Alto Uruguai: levantamento histórico e perspectivas*, realizada no âmbito da Universidade Federal de Santa Maria, no Centro de Educação Superior Norte - RS, câmpus de Frederico Westphalen, combina descrição histórica (a partir de depoimentos) e análise crítica dos processos jornalísticos. O estudo parte do pressuposto de que seu campo de pesquisa prioritário é o entorno do curso, colaborando, assim, para o desenvolvimento regional. O projeto preocupa-se com a ampliação da literatura sobre o jornalismo regional e interiorano. Entende-se como jornalismo interiorano todas as publicações ou programas jornalísticos produzidos fora das capitais e sem ligação com os conglomerados de comunicação. O jornalismo, independente do seu local de produção, na grande, média ou pequena cidade, sofre influência cada vez maior do acesso às tecnologias da informação. É possível imaginar que não exista certamente um interior, naqueles moldes antigos, quando significava um espaço geográfico no qual a informação era rara, atrasada ou simplesmente inexistente. Por isso, deixa-se claro que jornalismo do interior não se refere a uma falta de acesso “ao mundo lá fora”, mas às suas características específicas de organização empresarial e jornalística, bastante diversa da chamada grande imprensa.

Material e métodos

A metodologia utilizada no levantamento de dados nos veículos de comunicação em funcionamento na atualidade foi a de entrevistas abertas e qualitativas para a coleta de dados históricos e da atualidade dos objetos estudados. Além das entrevistas, foi realizada uma observação crítica de cada veículo, na perspectiva de uma metodologia exploratória, que, certamente, abriu campos para novos e necessários estudos mais aprofundados. Para este trabalho de levantamento de dados, foram envolvidos todos os alunos ingressantes do curso de Jornalismo, em dois semestres (2006/2 e 2007/1).

As escolhas metodológicas se deram em função da compreensão do jornalismo como prática profissional e social, fenômeno que abarca inúmeras

faces, com seus componentes socioeconômicos, culturais, profissionais, etc. Por isso, merece estudo a partir de que, para constituir sua história e funcionamento, é necessário que se observem ângulos diferentes de um mesmo fenômeno. Significa que a observação do jornalismo do interior deve ser “localizada”, no sentido de levar-se em conta a região na qual os meios se inserem. Entender o “jornalismo regional” praticado no Médio Alto Uruguai do Rio Grande do Sul, inserido no norte gaúcho, por outro lado, possibilitará compará-lo com as demais práticas jornalísticas inseridas em outros contextos, trazendo contribuições para assertivas a respeito do jornalismo em geral.

Resultados

A pesquisa organizou relatórios científicos, seminários de apresentação de resultados e publicações *online*, por meio de *weblogs* de alguns veículos. O conhecimento a ser sistematizado pela pesquisa partiu do histórico das empresas de comunicação, dos veículos em si, do relato das parcerias e a inserção/importância de cada um na cidade/região, apontando o perfil dos atuais comunicadores, suas rotinas de trabalho, funções jornalísticas, política e postura editorial, questões éticas envolvidas, entre outras. Os dados recolhidos possuem grande riqueza e variedade, porém, respeitando o espaço de um artigo, serão pontuados aqui apenas alguns aspectos da caracterização geral.

Características do jornalismo e da região estudada

Uma variada gama de questões está envolvida no estudo sobre o jornalismo do interior. Entre as primeiras está a sua caracterização. Embora o conceito de “interior” possa ser questionado, em função do acesso das comunidades locais a informações e a bens culturais de forma mais global e facilitada, mantém-se, nesta pesquisa, a ideia de que, pelas configurações atuais, o jornalismo praticado em pequenas cidades difere do de cidades médias e grandes, em diversos aspectos técnicos e em sua configuração empresarial. Foram visitados cinco jornais e 13 rádios na região, em dois períodos diferenciados, conforme Tabela 1 (a parte sombreada refere-se ao período de janeiro de 2007 e as demais ao de julho de 2007):

Tabela 1 - Veículos visitados para a coleta de dados

Veículo	Cidade	Data fundação
Jornal O Alto Uruguai	Frederico Westphalen	20/02/1966
Jornal Frederiquense	Frederico Westphalen	05/04/2006
Jornal RS Norte	Frederico Westphalen	1984
Rádio Comunitária FM	Frederico Westphalen	15/05/2003
Rádio Luz e Alegria AM e FM	Frederico Westphalen	1952/1989
Rádio Sociedade Seberi	Seberi	11/02/1989
Rádio Comunitária Landell	Palmeira das Missões	Julho/2002
Jornal A Terra	Tenente Portela	19/07/2002
Jornal Folha Nativa	Iraí	2003
Rádio Marabá	Iraí	18/06/1953
Rádio Comunitária Liberdade 87.9 FM	Seberi	01/04/2007
Rádio Palmeira AM 740/ FM 101.7	Palmeira das Missões	07/01/1949
Rádio Diário AM	Carazinho	Nov/2002
Rádio Província FM	Tenente Portela	19/06/1989
Rádio Atlântica 1390 AM	Constantina	20/03/1989
Rádio Cidade Canção FM 102.3	Três de Maio	Não informado
Rádio Chiru AM	Palmitinho	12/02/1990
Estúdio 02 Rádio Ametista	Frederico Westphalen	01/04/1985
Rádio Ametista	Planalto (sede)	12/02/1984

Na região do Médio Alto Uruguai, encontram-se 34 municípios que, juntos, somam 188.772 habitantes, segundo dados da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul, em levantamento realizado em 2004 e publicado no Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável (FLORES; PRESTES, 2006). Essa população está dividida com cerca de 52% residentes ainda na zona rural, sendo que a principal atividade é a agrícola como geradora da economia, representando 58% da renda média dos municípios. Estes dados aqui colocados demonstram quão diferente é a ocupação de uma região em relação a outras nas quais há cidades que, sozinhas, abrigam mais de 200 mil pessoas. O dado relativo à ocupação também é importante, na medida em que, historicamente, a evolução do jornalismo e dos impressos (desde os seus primórdios) esteve

atrelada ao fenômeno da urbanização, associado aos demais de desenvolvimento econômico e sociocultural, especialmente à alfabetização crescente.

O Índice de Desenvolvimento Sócio-econômico (Idese) da região, medido em 2002, está abaixo da média do Estado, com valores de 0,820 e 0,849, respectivamente. O destaque é Frederico Westphalen, considerada cidade-polo do Médio Alto Uruguai e com maior número de habitantes na zona urbana (79,53%). Portanto, o foco da pesquisa é radial (partimos de Frederico em direção a outras cidades menores). Pelo alcance das rádios e jornais pesquisados, o âmbito da pesquisa, focado primeiramente no Médio Alto Uruguai, pôde ser ampliado para a região norte do RS, abrangendo também regiões adjacentes, como Celeiro, Fronteira Noroeste e Planalto Médio.

Tabela 2 - Número de funcionários e jornalistas por veículo

Veículo	Funcionários	Jornalistas
Jornal O Alto Uruguai	20	03
Jornal Frederiquense	02	01
Jornal RS Norte	02	01*
Rádio Comunitária FM	18 comunicadores/ 02 secretárias	--
Rádio Luz e Alegria AM e FM	25 (06 locutores)	01* o mesmo
Rádio Sociedade Seberi	08	
Rádio Comunitária Landell	17	--
Jornal A Terra	09	01 (provisionado)
Jornal Folha Nativa	02	--
Rádio Marabá	10	--
Rádio Palmeira	09 (administração) 08 (AM) 05 (FM)	01 (provisionado)
Rádio Comunitária Liberdade	12	--
Rádio Carazinho	11	--
Rádio Atlântica de Constantina	09	--
Rádio Província FM	12	01 (diretor)
Rádio Cidade Canção FM 102.3	10	02
Rádio Chiru AM	09	--
Estúdio 02 Rádio Ametista	01	--

Ao analisar o quadro de colaboradores dos veículos de comunicação (Tabela 2), observa-se o baixo número de jornalistas empregados. Cabe salientar que as duas rádios comunitárias, por definição, são feitas por diferentes profissionais e não por comunicadores. Outro ponto importante é que o mesmo jornalista que assina a gerência da *Rádio Luz e Alegria* é proprietário do jornal *RS Norte*. No caso do jornal *O Alto Uruguai*, o maior da região, com tiragem de 5 mil exemplares semanais, no mês seguinte às entrevistas passou a contar apenas com duas jornalistas e, ao fim de 2007, voltou a ter três jornalistas em seu quadro. Totalizando, são 11 jornalistas atuando nos 18 veículos pesquisados, dois destes provisionados, ou seja, sem diploma de jornalista.

A partir do levantamento realizado, é possível afirmar que os meios de comunicação da região funcionam de maneira semelhante entre si, no quesito da organização empresarial. A maior parte deles é constituído de pequenas empresas que contratam pouquíssimos profissionais da área da comunicação, justamente pela falta de recursos financeiros.

Na pesquisa realizada, encontra-se o indicativo de que há duas formas de organização. A primeira, formada pelos veículos que são focados em estruturas mínimas, com apenas um jornalista, e a segunda, com estruturas um pouco maiores, que demonstram a intenção de um caminho para a profissionalização, porém ainda sem a presença maciça do jornalista.

Rüdiger (2003) aponta ainda para outros desafios que devem ser encarados, na medida em que os jornais da capital (no caso do RS, especialmente *Zero Hora* e *Correio do Povo*) chegam cada vez mais cedo às cidades do interior, com as facilidades da informática e das redes de distribuição e impressão descentralizadas. No entanto, foi observado, a partir das entrevistas, que existe uma preocupação branda com os grandes jornais, em termos de concorrência. Em nenhuma das mais de 40 entrevistas realizadas pelos estudantes a concorrência com os grandes jornais foi citada.

Entretanto, por mais interior que seja, os leitores dessa região têm acesso aos novos meios, e

podem acessar informações gerais por meio de portais de internet com notícias amplas. Essa realidade é citada, porém, não intimida os produtores locais (PIOVESAN et al., 2007). Os comunicadores entrevistados acreditam no potencial do “local versus o global”, contrapondo-se à ideia de pequenas aldeias dentro da chamada aldeia global.

Cabe, aqui, lembrar que a informatização da imprensa demonstra ser uma realidade no interior. O acesso ao computador e à internet está modificando o processo de captação e formatação da informação em todas as áreas do jornalismo atual. Assim, a complexidade da prática profissional, atingida nas grandes redações que se informatizaram nos anos 80, conforme Ruth Vianna apontou em importante pesquisa, ampliou o controle da informação e contribuiu para o maior desemprego. Ao lado da crise do papel em 1970, que fechou jornais principalmente no interior, a informatização foi outro baque nos postos de trabalho dos jornalistas (VIANNA, 1992, p. 14-18).

O uso de material da internet é comum em todos os veículos, como forma de acesso a informações do plano nacional e internacional, ou de variedades. Porém, os meios de comunicação procuram adaptar algumas matérias à realidade regional, já que há prioridade para o enfoque local em praticamente todas as notícias.

É preciso ponderar que o jornalismo do interior pode estar sobrevivendo justamente a partir do uso das novas tecnologias. Verifica-se hoje, uma década e meia depois do estudo realizado por Vianna, que o computador acelerou e facilitou o trabalho num ambiente carente de outros recursos, pelo menos nos veículos até agora estudados na região do Médio Alto Uruguai.

O acesso aos recursos tecnológicos justifica a existência de jornais feitos totalmente por uma pessoa (ou duas) e um computador, por exemplo (caso dos jornais *RS Norte*, *Folha Nativa*, *Frederiquense*, *A Terra*), ou jornais que terceirizam a diagramação, não sendo necessário sequer conversar pessoalmente com o profissional que monta o jornal (*Folha Nativa*). São utilizados apenas um correio eletrônico que envia e outro que traz o jornal, pronto para ser impresso na gráfica, que, por sua vez, também recebe o material *online*. Os custos são muito reduzidos, daí a importância das novas tecnologias para o jornalismo do interior (PONCIO; MORAES, 2007).

Potencialidades do jornalismo do interior

O jornalismo do Médio Alto Uruguai (WEBLOG, 2005), pelo que foi possível apurar, parece ser semelhante ao retratado por Dornelles (2004), em seu mapeamento do jornalismo interiorano de outras regiões do Rio Grande do Sul. Confirma-se a quase total ausência de jornalistas formados nas redações. Ainda que as funções sejam acumuladas por um ou dois profissionais, que elaboram pautas, fazem a captação das notícias, redigem e editam textos, diagramam as páginas, cuidam da distribuição, etc., não há uma divisão de tarefas como tradicionalmente se encontra em grandes redações.

O fato de apenas um jornalista atuar em todas as editorias pode colaborar para aproximá-lo das demandas de sua comunidade. Vieira (2002) aponta esta como sendo a potência do jornalismo praticado no interior e a grande questão a ser lembrada neste contexto.

Mas a grande questão que deve ser lembrada aqui é o aspecto de potência do jornalismo praticado no interior para ampliar a qualidade da produção e reintroduzir rotinas que aproximem a prática diária dos desejos e reais necessidades da população. Em que pesem as dificuldades de investimento e manutenção das empresas (que as jogam, invariavelmente, nas mãos dos péssimos administradores públicos, como refêns), é nos jornais do interior que se vê uma maior proximidade entre jornalista e público receptor (VIEIRA, 2002, p. 122).

Assim como a proximidade é um potencial importante do jornalismo interiorano, é também nela que se dá a cadeia de pressões sofridas pelos profissionais. Ou seja, na maioria dos veículos do interior, os anunciantes são próximos, entre eles o principal – as prefeituras –, por meio da publicidade legal. Isso afeta, em muitos casos, o conteúdo do jornal, que tende a ser oficialista por conta de um “apoio” da prefeitura. Confundem-se, em alguns momentos, as notícias apuradas pelo jornal e aquelas enviadas pela prefeitura, como material da assessoria de imprensa.

Cabe, ao analisar a imprensa regional, pensar em “saídas” fora da ideia de transformação mimetista da grande imprensa, até mesmo porque a imprensa massiva não é, em sua maioria, composta

por veículos de comunicação exemplares no que tange aos aspectos do debate público aberto com vistas à construção da cidadania. Correia (2004), ao analisar a imprensa regional portuguesa, postula um olhar mais compreensivo, justamente buscando manter o que ela guarda de especial e positivo:

Pensamos que na Comunicação Social Regional portuguesa sobrevivem alguns dos traços típicos do jornalismo pré-industrial que não devem ser absolutamente descartados como se tratassem apenas e só de puros anacronismos. Referimo-nos à conexão escassa com a publicidade, a uma relação forte entre as elites locais e os media, a uma ênfase no artigo de opinião e na colaboração externa, a uma contiguidade acentuada entre os artigos e colaborações e as preocupações manifestadas nos espaços de reunião dos públicos, à tendência para estruturar o discurso em torno de alguns assuntos recorrentes em torno dos quais se veiculam opiniões, debates e polêmicas, a presença de marcas discursivas que remetem para formas de sociabilidade que pressupõem um saber comum partilhado pelos produtores de mensagens e pelos públicos, o conhecimento recíproco e partilhado pelos produtores e receptores quanto aos factos e realidades que servem de referentes para as mensagens jornalísticas (CORREIA, 2004, p. 5).

Ainda que, neste ponto da pesquisa, não tenha havido análise aprofundada do próprio discurso desses *media* regionais, a reflexão que cabe, a partir desses aspectos, é a necessidade de se compreender até que ponto o jornalismo praticado no interior pode almejar para si um caminho diferente desse “acobertamento do poder local” apontado por muitos pesquisadores na atualidade. A observação de que há uma relação direta com o poder não pode minar o jornalismo do interior. Ou seja, é preciso buscar a qualidade da informação e da prestação de serviço público mesmo diante de certa “fraqueza” institucional diante daqueles que dominam a política e a economia das regiões.

O jornalista que não consiga exercer a profissão na mídia local, mas que encontre colocação nos jornais das capitais dará mais condições para que a mídia metropolitana ingresse no interior. Essa contribuição do jornalista interiorano

reflete a sua capacidade de representar as comunidades mais afastadas dos grandes centros, suas carências, sua cultura, resumindo, seus interesses. Quando negligencia esse potencial, a mídia local perde leitores, anunciantes e credibilidade. E credibilidade é conquistada por profissionais comprometidos com a verdade dos fatos. Nesse âmbito, a formação acadêmica agrega à formação humana elementos que qualificam o jornalista para o exercício da profissão (MARTINS; SILVA, 2005).

Este pensamento pode parecer paradoxal, no entanto expressa uma maneira de recolocar positivamente e politicamente o papel do jornalismo nas regiões. É preciso, cada vez mais, que as pessoas se reconheçam e vivenciem algo em comum em suas cidades, para que não se percam valores sociais que formam sua cidadania. Esta cidadania somente será plena quando a opinião pública for esclarecida, papel este ligado diretamente ao exercício de um jornalismo sério e comprometido com a comunidade. Portanto, conforme Correia, constitui condição normativa importante a

recusa da manipulação; da tentativa de obter informações completas e confirmadas sobre a matéria noticiável; da obrigação de proporcionar ao leitor informação adequada ao exercício esclarecido da cidadania; da rejeição do sensacionalismo que explora a emoção alheia; de suscitar a participação cívica em detrimento dos consumismos passivos suscitadas pela pura informação-espetáculo (CORREIA, 2004, p. 4).

Normalmente, os jornalistas e comunicadores no interior adquirem *status* facilmente, são reconhecidos nas ruas, restaurantes, lojas. Afinal, por ser um espaço geográfico mais reduzido e pela própria atividade desenvolvida, o jornalista transita em diferentes locais. Além de produzir conteúdo para o jornal, lhe é cobrado que participe ativamente das ações da comunidade, principalmente em campanhas sociais. O envolvimento do jornalista do interior pode ser produtivo, dando a ele um espírito público mais elaborado.

A proximidade e até mesmo o afeto com que os cidadãos tratam o jornalista do interior, por outro lado, podem dificultar o trabalho. Isso, principalmente, quando é preciso investigar denúncias.

No entanto, nos jornais e rádios observados, a falta de notícias mais apuradas e bem elaboradas, em princípio, decorre mais de uma falta de infraestrutura do que propriamente de um caráter político (embora, com certeza, esteja latente como em todo veículo de comunicação, de qualquer porte).

Pelo número reduzido de pessoas que fazem o jornal no interior, é preciso que o jornalista tenha múltiplas capacidades e, ainda mais, seja um profissional de extrema qualidade, para que possa dividir a proximidade e a privacidade do poder de sua missão essencial e de seu dever de informar os cidadãos.

A tendência é (ou devia ser) para o jornalista ser cada vez mais um intermediário entre o poder e o público e cada vez menos um simples veículo de informação. Como intermediário, o jornalista gera um valor acrescentado, conduz a sua ação por critérios que lhe são próprios e que obedecem a uma finalidade. Se mantiver como veículo, o jornalista faz de mera câmara de ampliação das mensagens do poder. Esta distinção é fundamental e, embora o conceito de objectividade seja por vezes adulterado para induzir o jornalista no acriticismo, é bom lembrar que o jornalismo existe precisamente para desmontar factos e mensagens, contextualizá-los e revelar o que nos assuntos públicos é ocultado por conveniência (CARVALHEIRO, 2001, p. 2).

O mercado dos jornais analisados demonstrou que ainda há espaço para a sua expansão. Nenhum dos entrevistados alegou crise para o seu negócio. Por isso, pode-se concluir que o jornalista que tenha perfil adequado obtém grandes chances no interior. Isto é, o jornal deve estar voltado essencialmente às demandas de sua cidade/região de abrangência, tornando-se um instrumento de luta desta comunidade. Segundo Dornelles (2004), é por meio deste veículo que os acontecimentos locais são anunciados, criando-se um veículo para reivindicações e denúncias, o que não pode ser feito nos grandes *media*.

No entanto, convém ressaltar as dificuldades de formar uma empresa jornalística no interior, conforme destaca Campos:

A mesma classificação de empresas capitalistas que as pesquisadoras Cremilda Medina (em 1988) e Isabel S. Travancas (em 1992) atribuem aos jornais brasileiros deve ser conferida, naturalmente, aos

jornais do interior. Eles vivenciam uma experiência empresarial – com a característica de serem menores, num público menor – em que as pressões são maiores e mais diretas, tanto por parte dos leitores como dos anunciantes (CAMPOS, 2000).

Encontramos, na pesquisa dos veículos do Médio Alto Uruguai, a confluência das atividades de captação de notícias juntamente com a de material publicitário, o que pode comprometer a notícia e a independência do jornal. Ao mesmo tempo, verificamos a existência de condições tecnológicas suficientes para realizar um trabalho de qualidade, especialmente o uso de computadores e acesso à internet em 100% dos veículos estudados.

Considerações finais

Nosso texto trata de “perspectivas”, já que dá conta apenas de um contato prévio com o jornalismo regional do Médio Alto Uruguai e demonstra que há muito a ser estudado. Aqui se “desenham” contornos, procurando algumas luzes e sombras.

O primeiro passo na construção deste estudo foi um levantamento inicial dos jornais em atividade, que, salienta-se, não se encontra finalizado. É projeto dar continuidade ao registro histórico, porém deve-se aprofundar o debate sobre as características apontadas e já mapeadas. Destaca-se aqui temas que podem ser entendidos como importantes ao estudo do jornalismo interiorano, observados a partir da pesquisa realizada.

Modelo empresarial

Um dos aspectos a serem aprofundados é o estudo do funcionamento empresarial dos jornais e rádios estudados. O que se observou até o momento foi que ainda há, no geral, um modelo de gestão pouco profissionalizado, dificultando algumas ações estratégicas e de longo prazo.

Os recursos advindos da publicidade são suficientes para cobrir despesas e talvez até mesmo pudesse haver investimentos, porém, com a falta de um gerenciamento amplo, poucas oportunidades aparecem.

Em que medida os modelos administrativos adotados pelas circunstâncias regionais modificam, melhoram ou pioram as condições do jornalismo praticado nesta região?

Impacto das novas tecnologias

Além das questões ligadas à organização empresarial dos jornais, é preciso observar ainda modificações crescentes na forma de “fazer jornalismo”, a partir do surgimento dos *media* digitais. A história da evolução da imprensa está ligada aos seus processos e dispositivos tecnológicos, como, por exemplo, as alterações surgidas no jornalismo quando da transposição das máquinas de escrever para a redação informatizada, nos anos 90. Os jornais e rádios estudados, até mesmo por terem pequeníssima estrutura, realizam um grande uso da internet.

Para jornais “fechados” por apenas um profissional, o banco de dados da internet é considerado “um achado”. Entende-se, a partir disso, a importância de um perfil de jornalista diferenciado, que vai atuar muito mais na pesquisa e na redação de informação, na edição de material já publicado, pelo menos no âmbito do noticiário nacional e internacional. E esta é uma mudança significativa que deve ser melhor estudada.

A formação do jornalista

No jornal do interior, a capacidade de apuração do jornalista continua sendo fundamental. Seu papel na seleção do noticiário filtra o grande número de informações, a partir da ideia de um envolvimento maior com a comunidade que o mantém, usando especialmente o critério da proximidade com o leitor.

Este, no entanto, é um dos principais desafios a serem vencidos pelas empresas que mantêm os jornais do interior. O foco do jornalismo deve ser o da qualidade, assim como num jornal de capital. Apuração correta e eficiente, compromisso público e independência fazem bem ao jornalismo em todas as situações, e a profissionalização é uma das ferramentas para que o jornal mantenha-se fiel aos seus objetivos comunitários.

Ressalte-se que a formação do jornalista, em inúmeras faculdades pelo interior do Brasil, tem contribuído para o fortalecimento da imprensa interiorana, revelando que os jovens formados pelas universidades devem ser protagonistas nesta qualificação.

Qualidade informativa e comprometimento social

Nesta linha cabem estudos sobre os formatos não convencionais (fora das normas de redação, por exemplo), que estabelecem com os leitores outro tipo de relação. Até que ponto a linguagem não automática

dos jornalistas das pequenas cidades é prejudicial à informação e à comunicação? Ou seria a reprodução da assepsia jornalística, praticada em profusão pelos grandes jornais, a melhor forma de apontar os aspectos mais importantes e relevantes das comunidades locais?

Por fim, pode-se afirmar que o acesso aos meios tecnológicos em si não resolve os problemas do jornalismo interiorano, assim como não resolveu questões em grandes empresas de *media*. É possível apontar que o grande potencial de crescimento do jornalismo longe das capitais está ligado essencialmente ao papel do jornalista na atuação ética e independente, combinada com habilidades empreendedoras, visão crítica e envolvimento social, visando à construção de bases sólidas que garantam o desenvolvimento de empresas mais profissionalizadas e apoiadas na responsabilidade social e comunitária.

Agradecimentos

Importante agradecer aos estudantes participantes da pesquisa, tanto como bolsistas de iniciação científica quanto voluntários, que se empenharam em coletar os dados e em buscar compreender o jornalismo praticado na região estudada. Especialmente às turmas ingressantes em 2006 e 2007 no Curso de Jornalismo da UFSM, câmpus de Frederico Westphalen.

Referências

- CAMPOS, P. C. O papel do jornal do interior. **Observatório da Imprensa**, 20 abr. 2000. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/jd20092000.htm>>. Acesso em: 20 mar 2007.
- CARVALHEIRO, J. R. **Os media e os poderes locais**. 2001. Disponível em: <<http://ubista.ubi.pt/~comum/carvalho-ricardo-Media-poder.html>>. Acesso em: 20 out. 2007.
- CORREIA, J. C. **Jornalismo regional e cidadania**. 2004. Disponível em: <http://ubista.ubi.pt/~comum/jcorreia_jornregional.html>. Acesso em: 20 out. 2007.
- DORNELLES, B. **Jornalismo comunitário em cidades do interior**. Porto Alegre: Sagra-Luzzato, 2004.

FLORES, A. J.; PRESTES, R. M. (Org.). **Plano territorial de desenvolvimento rural sustentável – PTDRS**: território do Médio Alto Uruguai – RS: melhoria da matriz produtiva agrícola regional. Frederico Westphalen, RS: Ed. URI, 2006.

MARTINS, S. L.; SILVA, E. D. **A cara do jornalismo no interior**. 5. ed. 2010. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/dossie5_b.htm>. Acesso em: 10 mar. 2008.

PIOVESAN, A. et al. As novas tecnologias e o jornalismo do interior: o caso do jornal RS Norte, de Frederico Westphalen. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 8., 2007, Passo Fundo, RS. **Anais...** Passo Fundo, RS: Intercom Sul, 2007.

PONCIO, E; MORAES, C. H. Formação e atuação do jornalista no interior: o caso do jornal Folha Nativa, de Iraí. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 8., 2007, Passo Fundo, RS. **Anais...** Intercom Sul, 2007.

RÜDIGER, F. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

VIANNA, R. P. A. **Informatização da imprensa brasileira**. São Paulo: Loyola, 1992.

VIEIRA, T. A. S. Jornalismo no interior: potencialidades éticas e técnicas. In: HOHLFELDT, A.; BARBOSA, M. (Org.). **Jornalismo no século XXI**: a cidadania. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

WEBLOG do Projeto **Comunicação e jornalismo no Médio Alto Uruguai**: levantamento histórico e perspectiva. 2005. Disponível em: <<http://www.historiajornalismo.myblog.com.br>>. Acesso em: 20 out. 2007.

Recebido: 28/11/2009

Received: 11/28/2009

Aprovado: 05/03/2010

Approved: 03/05/2010